

Pescadores Artesanais, Surfistas e a Natureza: Reflexões a partir de um Olhar da Educação Física.¹

Fernanda Kandrát Brasil*

Yara M. Carvalho**

Resumo: O objetivo do artigo é apresentar resultado de pesquisa desenvolvida com pescadores artesanais e surfistas a fim de analisar o significado das interações entre cada um dos grupos e a natureza. Revisão bibliográfica e experimentação de campo (entrevistas livres e observação direta) foram realizadas junto a oito pescadores e uma pescadora (28-71 anos, mínimo de 10 anos de prática) e seis surfistas (23-41 anos, 1-29 anos de prática) no litoral norte paulista. O corpo e o modo como interage com o ambiente, no cotidiano dos grupos, aponta para temas ainda pouco explorados na Educação Física.

Palavras-chave: Natureza. Corpo humano. Características Culturais. Antropologia cultural.

1 INTRODUÇÃO

Este manuscrito resulta de dissertação de mestrado cujas reflexões e análises foram entremeadas pelas formas de ver, sentir e compreender a Natureza e as ações humanas a partir de um ambiente em particular: o mar. Atentar para aqueles que o “habitam” – pescadores artesanais e surfistas – possibilitou uma análise para além de modos mais distantes e isolados de investigar a relação Ser humano e Natureza e contribuiu para a construção de uma discussão e de alternativas para a Educação Física e, em última instância, para as transformações sócio-ambientais que ameaçam a saúde das populações e do planeta.

¹ Texto desenvolvido com base em dissertação de Mestrado. Apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

* Mestre em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação Física e Saúde Coletiva da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: febrasil@usp.br

** Doutora em Saúde Coletiva pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Pós-doutora pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e *Facoltà degli Scienze della Comunicazione, Università La Sapienza di Roma-Itália*. Docente da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo e líder do Grupo de Pesquisa Educação Física e Saúde Coletiva. São Paulo, SP, Brasil. E-mail: yaramc@usp.br

O propósito foi analisar o significado das interações de pescadores artesanais e surfistas em relação à Natureza. A delimitação em torno dessas populações foi motivada pelas contribuições que as particularidades decorrentes de distintas sensibilidades, entendimentos e formas de lidar com o corpo e com a Natureza, poderiam trazer.

O grupo de pescadores artesanais integra as comunidades tradicionais, portadoras de uma cultura com mitos próprios e relações com o mundo natural diversas das partilhadas nas sociedades urbano-industriais. O agir da comunidade é característico de sua visão de mundo e se fundamenta na leitura da Natureza construída com o tempo em torno da intuição, percepção e vivência. Conforma uma maneira de apropriação dos espaços e recursos naturais que, segundo Diegues (2002), resulta na proteção, conservação e potencialização da diversidade biológica. Os pescadores representam o povo do litoral – os caiçaras² – que, dentre as tantas mudanças que marcaram seu viver³ (SILVA, 2004), está o estreitamento dos laços com o ambiente marítimo pela busca diária do bem de troca, pelo capital. Porém, a dependência ao mercado e às relações de poder que daí decorre não destruiu totalmente antigos costumes e práticas reguladas com a Natureza.

O grupo de surfistas representa parcela das sociedades urbano-industriais que busca o litoral para divertimento, cujo olhar conferido à Natureza se embasa em sensibilidades formuladas historicamente; desde quando, na Europa dos séculos XVI e XVII, o ar fresco e

² Segundo Diegues (2005, p. 127), “morador de litoral, da região que se estende do sul do estado do Rio de Janeiro até o norte do estado do Paraná. O termo é de origem indígena – caá-içara, que quer dizer: espécie de cercado ao redor das casas dos índios e também a cerca usada dentro da água para servir de armadilha e pegar o peixe.” O autor ainda apresenta a conotação pejorativa que envolve o termo – encontrado em alguns dicionários e utilizado por algumas pessoas – equivalente a malandro, indolente, vagabundo. Denota também a alusão ao caipira asselvajado, sujeito rústico, caboclo sem préstimo e pessoa não confiável. Tais estereótipos de praiano indolente refletem o desconhecimento da cultura caiçara.

³ Sujeitos cuja relação com a terra era referência primordial em sua configuração de mundo, os caiçaras foram impulsionados para o mar, antes secundário em seu viver. A reorganização de seu mundo, conforme Silva (2004) ocorre mediante o quadro de estagnação sócio-econômica do litoral paulista a partir de meados do século XIX. O caiçara antes participante dos ciclos econômicos do arroz, açúcar e café, em fins do século XIX, passou à produção agrícola de pequena escala e à pesca voltada quase que inteiramente à subsistência. Em meados do século XX, a formação das colônias de pesca já se imbuía da conversão dos caiçaras em pescadores-exclusivos, contribuindo para a desorganização do pescador-lavrador que, segundo Diegues (1983), são pescadores de praia que utilizam pequenas redes e arrastos, a tarrafa e a linha de mão como instrumentos.

purificador do mar, a energia das ondas e a hidroterapia se tornaram receitas para a desejada harmonia do corpo e espírito, chamando atenção para as virtudes terapêuticas da Natureza. Essas seriam tão mais eficazes quanto mais se observassem verdadeiros rituais de prescrição para a corporeidade mediante uma gestualidade sistematizada e cientificamente construída. Prática codificada que propagou os anseios coletivos pela beira-mar. A Natureza, antes desprezada, passou a ser aclamada como fonte de renovação espiritual, a ser contemplada e a receber os turistas desejosos por maior contato com o mundo natural (CORBIN, 1989).

Contínua apreciação pela Natureza culmina, no presente, com levadas de pessoas realizando verdadeiras fugas dos centros urbanos a fim de “curtir”, por meio de uma diversidade de práticas, as paisagens idílicas. Visão romântica e também utilitária que se acoplou à Natureza que parece reproduzir o mito moderno (DIEGUES, 2002) da busca por lugares selvagens e paradisíacos onde o ser humano pode refrigerar-se.

Nestes cenários contemporâneos, não raro se vê expressões dos corpos sintonizadas com as tendências elaboradas e disseminadas pelo mercado que sinalizam para o interesse próprio a afirmação da materialidade corporal, os signos estéticos de beleza e juventude e o consumo das novas idéias e necessidades dentre as quais estão as formas de diversão e entretenimento afinadas com o imediatismo, com as sensações de prazer, excitação e aventura. Esses valores são atribuídos ao corpo e embasados na racionalidade científica moderna formada no desenvolvimento secular⁴ – apontada como causa da crise ambiental atual (LEFF, 2000; FUNTOWICZ; DE MARCHI, 2000) –, que contribuiu por separar o corpo do universo, fragmentá-lo e ditar seu “uso correto” mediante parâmetros científicos. Modo de conceber e tratar o corpo na cultura ocidental moderna que, segundo Silva (1999), caminha no sentido contrário de percebê-lo como

⁴ O estabelecimento das visões de mundo delimitou um conjunto de dualidades sobre o corpo (matéria/espírito; objeto/sujeito; sentidos/razão; corpo/mente) (LUZ, 1988). A partir do século XIX, a idéia de progresso e desenvolvimento atrelada à evolução das ciências positivas (CHAUÍ, 1996) se imbuíu do domínio da Natureza e da vida humana. O corpo, como território a ser conquistado, foi entregue à racionalidade médica (SILVA, 2001), reduzido a termos orgânicos, se tornou objeto de intervenção e teve seus movimentos ressignificados pelas técnicas. Os saberes médicos, a partir do século XVII, passaram a influenciar o modo de conceber os exercícios físicos e o conjunto das práticas corporais (SOARES, 2001).

base para uma perspectiva ecológica, muito mais se aproximando da dominação e sujeição, tal como se busca realizar com toda a Natureza.

Definido o recorte do objeto, cabe destacar que o enfoque que fundamentou as análises se constituiu pela aproximação entre dois campos de produção de conhecimento e intervenção denominados Educação Física e Saúde Coletiva. Esse encontro permitiu superar a análise naturalizada da vida e do corpo, instigando uma visão mais próxima da subjetividade do Ser Humano em relação à Natureza.

2 METODOLOGIA

A revisão bibliográfica e a experimentação de campo realizada mediante entrevistas livres e observação direta foram os modos de investigação da pesquisa (BRUYNE; HERMAN; SCHOUTHEETE, 1977) junto a oito pescadores e uma pescadora (28 a 71 anos, mínimo de 10 anos de experiência) e seis surfistas residentes na capital paulista (23 a 41 anos, 1 a 29 anos de prática).

As obras de Oliveira (1998, 1999) fundamentaram a trajetória da pesquisa de campo fornecendo lições metodológicas relativas à condução dos instrumentos de pesquisa, à relação e aproximação com os pesquisados e ao procedimento de utilização dos dados coletados. Orientações essenciais para investigar as interações com a Natureza de pessoas das quais se teve que aprender a se aproximar, a se fazer entender, a trabalhar as diferenças, “[...] pessoas que não são espelhos de mim mesmo” (OLIVEIRA, 1999, p. 54). São outros que, conjuntamente com o pesquisador, se relacionam como sujeitos e objetos na pesquisa, “[...] ambos se constituem reciprocamente, alternando entre si as condições de criador e de criatura.” (OLIVEIRA, 1999, p. 55).

Assim, para as coletas de dados junto à comunidade de pescadores⁵ nos entrepostos pesqueiros da praia dos Camaroeiros⁶ e da

⁵ À época da pesquisa eram relacionados 120 pescadores na praia dos Camaroeiros e 60 pescadores na praia de Porto Novo. Todos eles operavam com redes-de-espera e arrasto-camarão em embarcações de 12 metros.

⁶ A praia dos Camaroeiros possui águas calmas e seu nome é devido aos cardumes de camarão que buscam o remanso protegido por molhes de pedras no canto esquerdo da enseada, junto à foz do rio Guaxinduva.

praia de Porto Novo,⁷ em Caraguatatuba (SP), a necessidade de diminuir o distanciamento entre pesquisador e pesquisados levou a uma aproximação mediada por intermediários. Estabeleceu-se contato com o presidente da Associação dos Pescadores para pesquisa no primeiro local, e com funcionária da Colônia de Pescadores Z-8 “Benjamin Constant”⁸ para a coleta no segundo local. Estas pessoas auxiliaram na apresentação junto aos informantes, diminuíram o constrangimento numa eventual recusa à participação na pesquisa e ajudaram no esclarecimento de seus propósitos.

Já o contato para a pesquisa com os surfistas na praia de Itamambuca,⁹ Ubatuba (SP), não se deu por mediadores. O contato se travestiu do cuidado de abordá-los após a prática do surfe, quando estivessem sozinhos. De acordo com Oliveira (1999), é preciso que o sujeito se sinta livre, pronto para expressar-e e que seja dono de seu depoimento. Isso implica na escolha correta do momento para a entrevista, em aprender a ser paciente, conviver com o tempo dos entrevistados, alimentar as conversas conforme a receptividade, evitar os limites da inconveniência. Tais preocupações minimizaram possíveis incômodos causados pela insistência na participação da pesquisa em face da ansiedade dos participantes em surfar; e diminuíram a chance de que estes fossem, de alguma forma, importunados ou manipulados pela presença de outros, o que implicaria em resultados insatisfatórios.

⁷ O bairro de Porto Novo está localizado a 9 km do centro de Caraguatatuba. Ao seu longo está o rio Juqueriquerê que nasce na Serra do Mar e serpenteia a planície até se encontrar com o mar no ponto denominado Boca da Barra, que serve como entrada e saída de pescado.

⁸ A Colônia, que assistia a todos os pescadores do estudo, funciona como uma associação dos trabalhadores do mar. Os pescadores sócios pagam uma tarifa anual para terem acesso, estendido à família, à bolsas de estudo, atendimento odontológico, clínico geral, pediátrico e ginecológico. A Colônia também organiza e providencia a documentação de pesca, encaminha os registros dos barcos para a Capitania dos Portos, paga o seguro-desemprego (necessário na época em que a pesca do camarão é proibida), fornece assistência social e elabora os pedidos de aposentadoria. Contudo, tais atribuições nem sempre são cumpridas por razões administrativas, falta de incentivos, más condições financeiras ou dificuldades de desenvolvimento do poder agregativo (LEITE, 2001).

⁹ A praia de Itamambuca está localizada a 12,6 km ao Norte do centro da cidade de Ubatuba. Ao se percorrer as vias de acesso que partem da rodovia Rio-Santos (BR-101), percebe-se a existência de um condomínio de alto padrão, pousadas e campings. Famosa por suas ondas favoráveis à prática do surfe, sendo por isso palco de diversos campeonatos nacionais e internacionais da modalidade, tem areias brancas e soltas, vegetação de restinga e o Rio Itamambuca desembocando no lado direito da praia. No lado esquerdo, deságua um riacho que desce em corredeiras até a areia. No sertão de Itamambuca há uma vila de moradores.

Foram realizadas as seguintes perguntas “qual o significado da Natureza para você?”; “qual o significado do mar para você?” e “qual o significado do surfe/pesca para você?”. Todavia, com as circunstâncias, diz Oliveira, “[...] fui aprendendo a aprimorar roteiros, corrigir expressões que comportassem dúbio sentido, suprimir perguntas inadequadas... com elas fui, enfim, me fazendo como entrevistador.” (1999, p. 59-60), de tal modo que no decorrer das perguntas elas foram reformuladas com o intuito de estimular as respostas. E, aqui, cabe ressaltar que a realização das entrevistas obedeceu aos aspectos éticos¹⁰ envolvendo pesquisa com seres humanos.

O exercício de observação foi utilizado como mais um recurso para apreender elementos que não poderiam ser registrados com a entrevista. Gestos, olhares, desprendimentos, silêncios e modos de relacionamentos não apenas foram captados no momento das aproximações com os sujeitos, mas também nas cenas anteriores e posteriores ao mesmo, protagonizadas tanto pelos entrevistados como por outros integrantes dessas populações. Os dados foram colhidos por meio de um diário de campo.

As orientações de Minayo (1993) fundamentaram a análise dos dados. Após a transcrição literal das entrevistas o material foi lido com a preocupação de construir uma classificação, com objetivo de “[...] apreender as estruturas de relevância dos atores sociais, as idéias centrais que tentam transmitir e os momentos-chave de sua existência sobre o tema em foco.” (MINAYO, 1993, p. 235). Em seguida, verificou-se em que medida essas estruturas eram recorrentes nas diversas narrativas elegendo os temas mais relevantes.

3 ANÁLISE

A construção do texto não aponta uma interação entre os surfistas e pescadores analisados. Isso não quer dizer que se desprezem as relações de poder e os conflitos vivenciados entre surfistas/pescadores ou caiçaras/turistas.

¹⁰ A pesquisa recebeu parecer favorável – Parecer CEP, nº 77 – da Comissão de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte da USP.

É sabido tanto do engajamento de comunidades de pescadores pela preservação de suas áreas de pescaria frente às mudanças significativas advindas do processo de modernização, entre elas o incremento do turismo e o aumento de práticas corporais como o surfe, quanto do descontentamento dos surfistas face às restrições ao surfe e ao perigo oferecido pelas redes de pesca, algumas vezes com resultados trágicos. Essas tensões são, por exemplo, relatadas por Cunha (2000), ao mostrar que o surfe propiciado pelas famosas ondas da Praia Grande (Arraial do Cabo, RJ), na fala dos pescadores, atrapalha a dinâmica da técnica tradicional da pescaria de rede,¹¹ afugentando os cardumes; ou ainda encontradas em determinadas praias catarinenses e gaúchas, principalmente durante o período de pesca, mobilizando federações de surfe e de pesca, instituições ambientais e políticas para o equacionamento da questão.

Da mesma maneira, não se desconsidera os percalços existentes na relação entre caiçaras e turistas que marcam, sobretudo, mudanças¹² no modo de vida tradicional da população nativa do litoral. Entretanto, essas questões não são desenvolvidas neste artigo, uma vez que as próprias características e delineamento do campo não apontaram para tal enfoque. Itamambuca, por exemplo, local da pesquisa com os surfistas, não se configura como espaço crítico de problemas entre surfistas e pescadores. Além das atividades de surfe e pesca não protagonizarem a concorrência pelo mar, muitos moradores nativos e seus descendentes são também surfistas, assim como muitos proprietários de residências ou freqüentadores assíduos da praia estabelecem vínculos de sociabilidade com os caiçaras.

¹¹ A pescaria de cerco com canoa a remo e rede manual seguida da puxada de rede ou arrasto de praia.

¹² A migração dos caiçaras para áreas suburbanas e subsequente ocupação dos bairros pobres, em função do declínio da agricultura e da expulsão de suas terras que se deu a partir da década de 1960 tem ameaçado o modo de vida tradicional. Diante das dificuldades de exercer as atividades pesqueiras, em bairros muitas vezes distantes do mar, parte desses caiçaras passou a desempenhar atividades distintas das tradicionais, como a construção civil, serviços urbanos e subempregos (DIEGUES, 2004). Paes (2003), em uma análise sobre o impacto sócio-cultural originado pelo turismo sobre a população nativa no litoral norte paulista apresenta dois momentos: o período das décadas de 1960 e 1970, onde há um processo de retirada do caiçara de sua forma de vida e de seu envolvimento com a Natureza e o momento a partir da década de 1980 onde a cultura caiçara busca adaptar-se, transformar-se, mas também reconstruir sua identidade e reafirmar-se.

Assim, embora as sutilezas das relações entretecidas entre as duas populações possam, em outras ocasiões, enriquecer as discussões a respeito da interface corpo/natureza, a prática social dos sujeitos envolvidos na pesquisa norteou outro caminho para a confecção da análise e discussão que a seguir se apresenta.

3.1 OBSERVAÇÕES

Os registros colhidos pelo pesquisador que caminhou com os sujeitos, que os seguiu com o olhar, que também conversou com eles nos bastidores das entrevistas tornaram-se rico material para melhor compreender os modos de se relacionar com a Natureza e com os outros. Parte desses registros será apresentada com o intuito de aproximar, ainda mais, o leitor do universo dessas populações.

Alguns aspectos chamaram mais a atenção do que outros. Atentar para a dimensão corporal, por exemplo, ressaltaram signos sociais, regras, normas, valores como suportes da cultura de pescadores e de surfistas. Nos pescadores viram-se as roupas rotas e as marcas de envelhecimento precoce, sinais de horas sob o sol e da longa permanência nas águas em busca do sustento. O próprio corpo surgiu como instrumento da lógica mercantil, pelo qual se desgasta, se subjugua, e é oprimido em face das relações de poder que se impõem. Mas isso não apaga nem a vontade de sair às águas, nem o sorriso do rosto quando reportam a vida e as aventuras no mar. Os surfistas ostentam as roupas e equipamentos coloridos e tecnologicamente desenhados em seus corpos tatuados e esculpidos. Demonstram a ansiedade e a excitação antes de deslizar pelas ondas e a tranquilidade e a satisfação quando acabam por fazê-lo.

Os rituais para efetuar a aproximação com o mar também são distintos. Pescadores preparam o gelo para o pescado, averiguam o barco, o óleo e todos os pormenores da embarcação. Surfistas preparam a prancha, passam a parafina, se alongam antes da entrada no mar e remam até o local onde esperam pelas ondas; local onde partilham conversas e contemplam a Natureza sem perder de vista o horizonte que denota a entrada da série de ondas.

Surfistas e pescadores vivem a vida e a Natureza de sua forma. Na comunidade dos pescadores foi possível perceber a solidariedade como uma dimensão dos vínculos que as pessoas estabelecem com outras pessoas e com o mundo natural. Isso se observou, por exemplo, nas ações caiçaras direcionadas à coleta de lixo na praia, à preservação do rio Juqueriquerê, aos movimentos que se desenvolvem para a afirmação da identidade caiçara e às relações de convivência tecidas na comunidade. Na população dos surfistas essa noção de vínculo também está presente. Frequentemente os surfistas viajam em grupos, relacionam-se com outros grupos de surfistas e também com a população caiçara. Alguns deles participam de organizações ambientalistas não-governamentais, onde, inclusive, são desenvolvidas ações para a preservação da praia de Itamambuca.

Nesse sentido, a observação pode ser um exercício interessante para interpretar os modos de vida e as concepções de Natureza.

3.2 AS NARRATIVAS

Os significados e valores atribuídos à Natureza e ao convívio nesse ambiente vão revelar as especificidades, demarcar as diferenças e atestar as semelhanças compartilhadas entre surfistas e pescadores artesanais. Alguns desses elementos são trazidos mediante trechos das narrativas, articulados com dados das observações.

3.2.1 PESCADORES

Para os pescadores entrevistados, a Natureza assume função central na propagação da vida: “[...] a mata, a Natureza é o coração do mundo [...]” (D. S., Praia dos Camaroeiros, 2005). Equipara-se a Natureza com o divino: “[...] a Natureza num tem igual. É Deus no céu e ela na terra. Num tem, não é verdade? É então! Nós tamo aqui por causa da Natureza. Se num fosse ela [...]” (A. M. A, Porto Novo, 2005). Daí a necessidade de preservá-la: “Ah, é tudo, é tudo. Não tem igual. É igual seu olho, não pode vendê, nem dá. É seu, prá você conservá. E quem que dá a Natureza prá você? Só aquele lá de cima. Só Deus.” (A. M. A, Porto Novo, 2005). Nesse sentido, a imagem da Natureza sagrada assinala o respeito que lhe deve ser

concedida: “[...] e eu penso a mesma coisa. Se Deus deu a produção, aí nós num vamo assuntá, num é verdade? Não jogá fora. Aí é pecado, né. [...] Aproveitá prá humanidade? É, tudo bem. Matá prá jogá fora, é pecado.” (A. M. A., Porto Novo, 2005).

Há outra relação do pescador com o tempo, não ritmada pelo relógio, mas pelos ciclos da Natureza, pelas condições meteorológicas, já que esse está determinado a passar grande parte de seus dias na busca pelo produto do trabalho: “A gente depende da mercadoria. Se não vem nada... a gente tem que ficá no mar. Às vezes eu saio na segunda só volto no sábado, domingo.” (A.S., Praia dos Camaroeiros, 2005). Outra maneira de lidar com as dimensões de tempo e espaço ficou evidenciada em outra entrevista, com um senhor de 71 anos de idade e muitos anos de pesca. Isso, num primeiro momento, foi um obstáculo à compreensão dos eventos narrados pelo pescador, visto que se remetia ao passado, ao presente e a acontecimentos futuros, não de forma cronológica, linear e, ao mesmo tempo alternava referências a eventos do plano físico e do espiritual. Quando discorria a respeito das mudanças na Natureza, por exemplo, fez menção a um dilúvio: “[...] porque de primeiro, a Natureza era assim. Ela ameaçava como ameaça. Agora não, agora faz o seguinte. [...] Mudô, mudô o rumo. E mudô e ôtra. Em qualqué brejo aí encontrava caxeta. Sabe, já ouviu falá em caxeta? Caxeta é tora grande assim e tem pequena também. Caxeta é madeira branca. Caxeta cum um metro e pôco. No tempo já do... do dilúvio, né.” Ao se perguntar a respeito do dilúvio, a resposta foi: “[...] o dilúvio eu disse, da arca de Noé, 2000 ano atrás. É a sombra que dexô aí do morro, tudo certinho. Porque a Natureza já tava pronta, certo? Mais naquele tempo ninguém se tocava. Então aquilo foi crescendo sabe? Foi crescendo, foi crescendo, cresceu ó. Deu a caxeta no brejo.” (A. M. A., Porto Novo, 2005).

O trabalho vincula o pescador ao mar de tal modo que a afinidade com o ambiente transcende a dimensão objetiva da existência. A fala seguinte revela a profundidade da relação que se estabelece entre a vida, o trabalho e a Natureza: “Eu sonho com a pesca” (A. M. A., Porto Novo, 2005), parte do relato desse pescador que, com lágrimas nos olhos, sofre por estar impossibilitado de sair ao mar devido a uma úlcera na perna após um incidente com um cachorro.

O mar, para os pescadores, é um território livre que emana outras formas de pensar a vida e sentir o corpo. As palavras a seguir ilustram o comentário: “[...] é a coisa que assim... eu me reflito muito no mar... coisa... é... eu tenho uma emoção diferente do que tá trabalhando em terra, né? [...] eu prefiro tá no mar pescando... eu tô direto com a Natureza... meus pensamento são outros.” (V. J. M., Praia dos Camaroeiros, 2005).

A relação entre o corpo do pescador e a Natureza decorre integrada ao modo de vida em contínuo contato com o mundo natural. Para exemplificar: “[...] levei uma cutucada de uma arraia menstruada... vô falá uma coisa pá senhora... ficô 13 hora doendo sem parar. Ó, é uma dor, é uma dor diferente de tudo.” (W. P., Porto Novo, 2005). O contato com elementos, formas e seres da Natureza revela não só outras formas de sentir o corpo, mas propaga um conhecimento que se incorpora nas intervenções sobre o mesmo:

Ce sabe o que a gente fazia antigamente pá sabê se o sangue da gente tava bom? Comia arraia. Por quê? Porque é o seguinte ó. Ele solta um monte de coisa vermelha assim, tipo de umas bola. No sangue. Aí eu vô falá uma coisa pá senhora, limpava todinho... o sangue, da gente. Ce tava beleza (W. P., Porto Novo, 2005).

A concepção de saúde, na fala acima, destoa da compreensão constituída pela racionalidade médica e desvela um cuidado fundamentado no conhecimento da Natureza:

[...] ah, hoje em dia eu só vô no médico memo se não tivé condição. Mais dependendo disso, a gente vai aqui ó, na lateral do terreno aqui ó, tem remédio pá gente tudo. [...] Mais, fora disso, dor de barriga, febre, essas coisa... nós vai no médico? Vai nada. [...] se ce vai pro médico, ce arruma doença. Ce num tem, mas isso ele te arruma (W. P., Porto Novo, 2005).

Os saberes e práticas acumulados através das gerações são valorizados:

[...] sabe como a minha avó arrancava dente antigamente? Com fumo. Ce sabia disso? Passava o fumo

na gengiva aqui, pronto. Amolecia, ela puxava o dente. Sabia disso? É... é... Ih, ela fala assim: que médico nada. Passava o fumo aqui, o dente caía. Hoje em dia, o pessoal num acredita nisso se a gente for falá (W. P., Porto Novo, 2005).

No entanto, percebem-se mudanças em razão dos novos valores e interesses que chegam com o correr do tempo, influenciando nos hábitos e atitudes relacionados ao corpo.

No cotidiano em meio à Natureza, nas atividades da pesca, quando “[...] o barco num passa, ce tem qui descê, ce faz o maior exercício pá levá o caminho ao barco (...) ce cai na água, ce faiz um exercício na perna do caramba lá. Ce anda mais de um km pá tirá o barco [...]”; ou nos demais aprendizados que a lida com a Natureza pauta, percebido na caça ao caranguejo cabeludo onde “[...] pra você não afundá numa lama, você tem que controlá a respiração [...] e só gente que convive memo, que sabe que... o segredo tá na respiração...” (W. P., Porto Novo, 2005); ou no banho no rio, de pequeno, em que o pescador relata que:

[...] num tinha chuveiro, tinha nada, era na bacia. Eu ia lá pro rio lá. E nadava assim, assim que fazia. Sozinho. Ó, ensinei minha irmã, ensinei minha prima, à nadá. Ce vê, ó, a gente de primeiro fica brincando de esconde-esconde no rio. Então ce tinha que tê, nadá, porque a gente nadava assim. Ia lá, ce tinha um fôlego assim nadando. Atravessava o rio no mergulho (W.P., Porto Novo, 2005).

É a Natureza que pauta o conhecimento para que o corpo se expresse e “dialogue” nesse ambiente.

3.2.2 SURFISTAS

No grupo dos surfistas, se apresenta um tipo de relacionamento com a Natureza e com a prática do surfe que denota uma falta, uma carência pelo contato com o mar e pela prática da modalidade, em face da distância entre a cidade e as ondas: “[...] prá mim, pô, o surfe é tudo né. É um meio que pô, eu me vi, assim, é um jeito de eu me expressá assim comigo mesmo, assim... Tipo, se eu pará de

surfá, eu vô ficá muito mal, vô entrá em depressão e pô... é isso aí meu! [...] É uma sensação de vazio, cara.” (G. F., Itamambuca, 2005);

O surfe se destaca não como *hobby*, onde se separa apenas determinado tempo para a ele se dedicar, mas como modo de levar a vida, alcançando diferentes dimensões e tempos: “Prá mim surfá é um estilo de vida. É... eu quando eu tive acho que 70, 80 anos, se Deus me conservá com saúde, eu te garanto que eu vô tá em cima duma prancha. Não pelo prazer de sê um *hobby*, mais é um estilo de vida, entende?”; “[...] o surfe é uma cultura, é um estilo de vida. Num é só um esporte, é mais do que isso [...]” (R. G. J., Itamambuca, 2005).

Estilo de vida que engloba as virtudes moldadas pelo surfe e os ensinamentos da Natureza:

[...] depois que você começa a surfar, você começa a entrar numa rotina de vir pra praia sempre é... de começar a pegar onda, de entender o que o mar te ensina dentro da água, de humildade [...] o mar é traiçoeiro, um monte de lição que o mar te ensina e o que o surfe prega pra sua vida de educação física assim, de você tá bem com o seu corpo, ce não pode ficar bebendo, fumando, nem nada disso, ce tem que tá sempre legal. O surfe pra mim é essencial assim... uma forma física e espiritual, diria que o surfe pra mim é essas duas coisas juntas (F. A. S., Itamambuca, 2005).

O surfe como maneira de viver chega a interferir nas atividades profissionais. Um dos surfistas formou-se em Hotelaria, em São Paulo, e optou por exercer sua profissão em Florianópolis, visto que poderia surfar freqüentemente. Recentemente, retornou a São Paulo, mas tenta exercer suas atividades de modo que seja possível conciliar surfe e trabalho. Além de inspirar a vida profissional, o surfe também influencia alguns que nem sequer tiveram a oportunidade de ver o mar, ou aqueles cujo contato mais próximo com a prática se dá mediante revistas e programas de TV. Nas palavras de um surfista entrevistado e estilista de moda surfe: “[...] eu já tive oportunidade de fazê viagens assim, de pesquisa, até, tá em lojas, em Goiás, sabe, interior mesmo, Minas Gerais e você vê que, quem usa essas roupas, realmente tem

uma paixão por esse esporte. A distância do mar, muitos nem conhecem o mar, faz os caras ficarem loucos.” (R.G.J., Itamambuca, 2005).

O surfe surge como elo com a Natureza. Aparece como meio de se conectar ao infinito, com a “essência” da vida: “[...] o mar... representa prá mim o infinito cara. Nessas, nessas oportunidades de surfe, pesca, de vida. Foi daí que surge tudo né?” (W. K., Itamambuca, 2005). É uma experiência que perpassa a dimensão física, subjetiva, espiritual, ainda que pela fala dos entrevistados seja possível identificar as dualidades – corpo/mente; físico/espiritual – que denotam uma concepção fragmentada:

[...] ele te deixa de cabeça muito feita. Nesse momento eu tô na maior paz, entendeu? Ah, a gente fica realmente.... num tem palavras. Ce fica num estado, pô, ce fica completo né, porque você fez um exercício, você teve uma emoção, você teve um... uma conexão assim, você tem que se integrá ao mar [...] (R. G. J., Itamambuca, 2005).

Corpo e mar, quando se encontram, podem criar experiências, na dimensão da forma e na intensidade, únicas:

[...] você tem que se integrá ao mar, você tem que tê aquele momento certo de remá, de entrá na onda, de ficá de pé, de fazê as manobras, né, de explorá a onda, consegui tirá aquele nível de surfe que ce tem, ce consegui fazê ali algumas manobras, né, que a onda permite e... então, é demais, né (F. A. S., Itamambuca, 2005).

A prática do surfista ressalta elementos como o desafio, o contato com o diferente, com o risco, advindo de um meio imprevisível, inconstante: “[...] mais o surfe é muito louco porque nem uma onda é igual à outra.” (R. G. J., Itamambuca, 2005); “[...] tem a adrenalina das ondas grandes, de você cair ou num cair.” (R. S. B., Itamambuca, 2005).

Enfim, chamar a atenção para os valores que motivam a relação entre o ser humano e a Natureza remete a questões ainda pouco exploradas pelo campo de conhecimento denominado Educação Física, especialmente aquelas afetas à cultura corporal.

4 EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E CULTURA

Dentre os resultados da pesquisa, primeiramente cabe destacar o fato de que o encontro com as comunidades alertou para a necessidade de evitar visões românticas e reduzidas – ainda prevalentes na área específica – no que se refere ao cotidiano daqueles que têm uma proximidade com a Natureza. É fundamental não polarizar trabalho e obrigação, lazer e prazer, ultrapassar percepções fragmentadas, individualistas e simplistas das interações sociais. Não é raro imaginar a organização da vida do pescador como um todo integrado e harmônico que se realiza em locais isolados e paradisíacos; e, no pólo oposto, idealizar os surfistas reproduzindo o sentido da vida urbano-industrial no espaço ocupado pela Natureza, no sentido de dominá-la por meio de técnicas, a fim de garantir momentos de fruição por meio de práticas que instigam a aventura, a ousadia, a coragem e o risco como contraponto ao dia-a-dia cinzento, repetitivo e opressor da cidade.

Diferenças quanto às concepções de vida, de Natureza e formas de se relacionar eram previsíveis e ficaram perceptíveis. Entretanto, em níveis distintos, os resultados demonstraram sobre os processos constitutivos das experiências de surfistas e pescadores, os efeitos da dinâmica em marcha que continuamente redesenha a estrutura societária com mudanças econômicas, políticas e culturais, sobretudo engendradas pelo capitalismo e pela globalização.

Olhar para os pescadores permitiu perceber o que Diegues (2004) já salientara em relação à cultura caiçara: embora não seja um conjunto estático de significados, valores e comportamentos que não possa sofrer adaptações, em situações marcadas pela modernidade e pela globalização, tem sua flexibilidade e adequação mais dificultada, ameaçando a reprodução do modo de vida tradicional. Porém, apesar das múltiplas formas de opressão social definindo as histórias de vida dos pescadores, a pesquisa revelou o mar como domínio da liberdade, da reflexão, da paz, do prazer e do lúdico. A via do trabalho pode degradá-los com envelhecimento precoce, cansaço e condições de vida insatisfatórias, mas há também a recomposição das “energias”, a revitalização que os leva a retornar ao mar no dia seguinte, e que os

fazem padecer de vontade e saudade da vida nesse ambiente quando distantes dele.

Olhar para a prática dos surfistas, por sua vez, dá margem para reconhecer as influências do capital sobre a mesma. Mascarenhas (2005) chega a considerar o surfe como uma das formas de diversão ancoradas nos modismos e esvaziadas de conteúdo socialmente útil, cada vez mais afinadas com a excitação, a aventura e o consumo. Entretanto, a dimensão da experiência dos surfistas obtida por ocasião do trabalho de campo, remeteu a busca pelo sentido da vida na emoção e aventura para além dos valores e princípios determinados pela ciência e pelo mercado. Pôde-se ver a experiência no mar potencializando a dimensão humana do ser. Observou-se o surfe como “passaporte” para se perder na dimensão do tempo e espaço, se desligar do ritmo urbano e integrar-se ao ritmo do mar, território que pressupõe o infinito, delimitado apenas pela visão que o surfista pode captar. Nesse sentido, o surfista está mobilizado, presente e envolvido com a experiência. No mar, ele exercita a imaginação e a criação e encontra-se consigo e com a Natureza. Vivência diversa daquela que fragmenta e isola o indivíduo da totalidade da qual é parte.

Dessa forma, a multiplicidade de fatores impulsionando expressões de modos particulares de cultura revelou a dinâmica da vida em curso e, por conseguinte, demonstrou a necessidade de evitar ou relativizar a modelação da qualidade do que se faz classificando e estigmatizando grupos. Orientação válida na Educação Física uma vez que nessa área não é difícil se deparar com modelos homogêneos e padronizados de intervenção, pobres de conteúdo, onde pessoas são objetos sobre os quais, em segmentos (por faixa etária ou patologias, p. ex.), se deve meticulosamente trabalhar e disciplinar para a otimização do funcionamento do seu corpo, sinônimo de máquina, mediante reprodução de formas e condutas.

Há que se analisar as diferentes formas de manifestação dos seres humanos considerando seu contexto social com um olhar que reconheça a pluralidade e diversidade da cultura dos modos de pensar e agir. Afinal, num país como o Brasil, será que existe um modelo de criança, adulto, idoso para a definição de um programa de intervenção

a partir de cada fase da vida? Será que as mesmas “amostras” de pesquisa que viabilizaram estipular as relações causa-efeito na relação atividade física e saúde são as mesmas de pessoas e coletivos que vivem em condições adversas de trabalho, educação e saúde? Diante da complexidade, da diversidade de pessoas e modos de vida e da pluralidade de interesses e necessidades, como superar a objetividade e a simplificação?

Ao se pensar no mal-estar¹³ que acomete grande parte da população no planeta e na diminuição das potências e da alegria de viver como o maior problema de saúde da humanidade (TEIXEIRA, 2004), surfistas e pescadores ajudam a pensar nas práticas lúdicas como modos afirmativos de resistir às situações de vulnerabilidade e fragilidade da vida. Afirma-se a concepção de saúde como o conjunto de condições que viabilizam a existência digna, dentre as quais está o universo lúdico que, segundo Oliveira (2001), se insere nas formas de interação social e determina a qualidade do envolvimento dos indivíduos e coletivos com seus projetos de vida.

Por meio da investigação, foi possível perceber que a necessidade dos surfistas pela velocidade, adrenalina e obliteração da razão evidencia a carência do sentir, do experimentar e do inventar que também acometem conteúdos e formas das práticas corporais contemporâneas, haja vista a exaltação da materialidade, pressupondo a dominação e intervenção da tecno-ciência sobre a dimensão corporal e também a inviabilidade de trocas e a comunicação com o mundo que se faz à distância por meio das experiências cibernéticas embaçadas pela tecnologia, por exemplo. Mas, em outro sentido, a sociedade busca formas de fugir à opressão, sujeição e dominação que incidem sobre o corpo. Ela procura outras formas de sentir e perceber a vida. Ainda que seja muito presente a influência do capital em “dizer” o que fazer e consumir por meio do corpo, há o desejo, o sonho e a manifestação de rumos para a expressão da corporeidade.

¹³ A fragilidade e vulnerabilidade da vida se convertem em temas nos debates no campo da Saúde, de modo geral, e no da Educação Física, em particular, mediante a exclusão social, a incidência de novas e velhas doenças, o impacto ecológico das ações, a violência, a desintegração dos direitos, dos valores culturais e éticos, da solidariedade e dos modos de conviver (CARVALHO, 2006).

Já os pescadores manifestaram visões de mundo e simbologias que operam diversamente da racionalidade que, conforme Silva (2001), ambiciona governar, organizar e exaltar o corpo como um caminho para a felicidade pela identificação do indivíduo com sua dimensão corporal ou como protótipo para a saúde na dimensão física.

Mesmo com os modos globalizados – de alimentar, vestir e divertir –, se reconhece certa tendência dos pescadores em conservar valores e costumes que preservam a “sintonia” e a integridade em relação à Natureza. Elementos do lidar do pescador com seu corpo, evidenciados pela pesquisa, remetem aos cuidados de saúde de culturas do passado. Algumas falas lembram a idéia de saúde da Antiga Grécia que, segundo Sant’anna (2001), atrelava o equilíbrio dos humores corporais à correspondência com os elementos naturais, a partir de um princípio onde a Natureza condicionava a vida humana e explicava todas as coisas.

Se as preocupações ambientais incluem tematizar questões da vida como um todo, tais como a saúde humana (LUZ, 2005), é fato que a medicina baseada em evidências como único referencial de saúde não dá conta de problematizar e construir alternativas às rupturas instauradas: corpo/mente, alma/razão, matéria/subjetividades, sociedade/meio ambiente.

Impõe-se, portanto, a necessidade, enfatizada por Carvalho (2005), de ampliar as interpretações relativas à cultura da saúde e ao corpo e de se buscar respaldo nas ciências humanas e sociais com vistas a aprofundar as discussões e qualificar os objetos de investigação.

No âmbito da formação, os cursos de graduação não privilegiam questões epistemológicas - que, invariavelmente, estão ligadas à reflexão sobre o ser humano e a Natureza – e tampouco exploram reflexões a respeito dos valores em relação às práticas corporais e do corpo como produção de gestualidade, de linguagem para além da expressão escrita e verbal. E, portanto, a intervenção segue padronizada e estereotipada seja na escola, na academia, no serviço público.

“Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros” (BAUER; GASKELL, 2007, p. 21) visando deslocá-las da posição

secundária para o centro que orienta a reflexão (CARVALHO, 2001), de modo a não perder de vista os diversos aspectos que compõe a vida das pessoas e valorizar a multiplicidade de conhecimentos produzidos e partilhados pelas comunidades (FREITAS; BRASIL; SILVA, 2006).

A pesquisa de campo revelou a Natureza movendo a outras formas de percepção do corpo e da vida, indicando que a intervenção profissional poderia também potencializar o emergir de diferentes maneiras de relacionar-se e exprimir-se por meio da gestualidade. Isso implica em ir além dos objetivos educacionais que realçam, sobretudo, benefícios fisiológicos e que, por conseguinte, não dão conta de trabalhar desarmonias nas relações sócio-ambientais, pois os sentidos e significados das práticas são desvalorizados. No que se refere ao tema Natureza, ele instiga o pensar e agir para além do verde. Ele pode ajudar a compreender as relações que se constituem nos espaços onde se vive e com as pessoas com as quais se convive. E, na dimensão das políticas públicas esse é um tema que dialoga transversalmente, seja com a Educação Física, com o Esporte, com o Lazer, com a Saúde, com a Educação, ainda que a participação efetiva do profissional nas ações públicas (CARVALHO, 2005; FREITAS, 2003) tenha pouco incentivo.

Por fim, a relação entre ser humano e Natureza é uma questão essencial para a Educação Física. As concepções em torno desse relacionamento formadas no curso das reflexões filosóficas pautaram os modos de pensar e lidar com o corpo. Muito do que se vê propagado pela Educação Física decorre desse movimento reflexivo. E, se a ação reflexiva é contínua, é possível repensar valores e sentidos das proposições e constituir referenciais que considerem as expressões humanas como construções sociais significantes, movendo ações direcionadas a ocasionar mudanças qualitativas nas relações entre si, entre os outros e com a Natureza.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende advogar uma sociedade onde experiências transcendentais e contemplações metafísicas sejam o principal projeto de vida, no sentido de se resgatar valores alçados no passado, hoje

desgastados. Não se pretende, tampouco, idealizar modos de vida pautados pela “perfeita” convivência entre Natureza e ser humano. Contudo, há alternativas à introjeção das imposições do modo capitalista de pensar e viver, apresentado por Martins (1986), que engessam a capacidade dos indivíduos e coletivos de se reinventarem e de criarem novos discursos para as experiências humanas.

Pescadores e surfistas apontaram direções. A Natureza de que falam e as diferentes formas de convívio com ela mostram que cotidianamente inventam tempos e espaços de liberdade, consciência, construção de vínculos, fruição dos sentidos e exercício do lúdico, elementos que imprimem qualidade à vida.

No que se refere à Educação Física, há que se pensar e propor uma formação voltada para a construção de políticas que contribuam para que o profissional valorize a produção social do conhecimento, reorientando os conteúdos considerando a diversidade e a pluralidade das histórias de vida, da cultura corporal dos indivíduos e coletivos sem perder de vista o elemento lúdico das práticas, visualizando-as como possibilidades de potencializar modos de viver e de se situar no mundo.

É impossível compreender o Brasil e a cultura corporal do povo brasileiro sem levar em conta as contradições e a complexidade dos fenômenos. Nem sempre os “modernos” são os protagonistas das mudanças dos modos de viver. Nem sempre os “informados” são os que transformam o tempo e espaço presente em determinante do possível e do futuro.

Nesse sentido, a Educação Física pode muito contribuir para que os olhares sobre o corpo não se fixem na dimensão estética e superficial, mas invistam nos valores, sentidos e significados que pessoas e coletivos atribuem ao corpo, à Natureza e, sobretudo, à vida. Para isso, diversos são os cenários, contextos e pessoas que podem inspirar elaborações. O olhar aberto pode mover a capacidade criadora para construir conhecimentos e práticas que atinjam as necessidades e vençam os desafios que constantemente se impõem, com vistas a estabelecer construções mais pertinentes e responsáveis direcionadas a aprimorar as formas de ser e viver no planeta.

Artisan fishermen, surfers and nature: reflections from a Physical Education Outlook.

Abstract: The purpose of this paper is to present results of research conducted with artisan fishermen and surfers in order to analyze the meaning of interactions between each one of these groups with Nature. Academic and field researches (direct observation and free interviews) were used to investigate nine fishermen (eight male, one female; 28-71 years; 10 years practice minimum) and six surfers (male; 23-41 years age, 1-29 years practice) in São Paulo's North Coast. The body and the way as it interacts with Nature, in the daily life of these groups, points out to subjects with little exposure in the Physical Education field.

Keywords: Nature Human Body. Cultural characteristics. Anthropology cultural.

Surfistas, pescadores artesanos y naturaleza: reflexiones a partir de una perspectiva de la Educación Física.

Resumen: El propósito de este artículo es presentar resultados de la investigación conducida con los pescadores artesanos y los surfistas para analizar el significado de sus interacciones con la Naturaleza. La investigación bibliográfica y del campo (observación directa y entrevistas libres) fueron utilizados para investigar nueve pescadores (ocho hombres, una mujer; 28-71 años; mínimo de 10 años de práctica) y seises surfistas (hombres; 23-41 años; 1-29 años de práctica) en la costa norte de São Paulo. El cuerpo y la manera como se relaciona con el ambiente, en el cotidiano de los grupos, apunta para temas ainda poco explorados en el campo de la Educación Física.

Palabras-clave: Naturaleza. Cuerpo humano. Características Culturales. Antropología cultural.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin; GASKELL, George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL, Fernanda Kandrát. **Ser humano e natureza: um olhar da Educação Física a partir de surfistas e pescadores artesanais**. 2006. 157 fls. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo. São Paulo, 2006.

Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 217-239, janeiro/março de 2009.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**: os pólos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

CARVALHO, Yara Maria. Atividade física e saúde: onde está e quem é o “sujeito” da relação? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 9-21, 2001.

_____. Educação Física e Saúde Coletiva: uma introdução. *In*: LUZ, Madel Therezinha. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva**: estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005. p. 19-34.

_____. Saúde, sociedade e vida: um olhar da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-168, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1996.

CORBIN, Alain. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CUNHA, Delgado Goulart de. **Pescadores e surfistas**: uma disputa pelo uso do espaço da Praia Grande. 2000. 126 fls. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2000.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **O mito moderno da natureza intocada**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. A mudança como modelo cultural: o caso da cultura caiçara e a urbanização. *In*: DIEGUES, Antonio Carlos Sant’Ana. (Org.) **Enciclopédia caiçara**. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/ CEC/USP, 2004. v. 1, p. 21-48.

FREITAS, Fabiana Fernandes de. **A Educação Física no serviço público de saúde**. 2003. 130 fls. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo, 2003.

FREITAS, Fabiana Fernandes de; BRASIL, Fernanda Kandrát; SILVA, Cinthia Lopes da. Práticas corporais e saúde: novos olhares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 169-183, 2006.

FUNTOWICZ, Silvio; DE MARCHI, Bruna. Ciencia posnormal, complejidad reflexiva y sustentabilidad. *In*: LEFF, Enrique. (Org.). **La complejidad ambiental**. México: Siglo XXI, Pnuma, 2000. p. 54-84.

LEFF, Enrique. Pensar la complejidad ambiental. *In*: LEFF, Enrique. (Org.). **La complejidad ambiental**. México: Siglo XXI/PNUMA, 2000. p. 7-53.

LUZ, Madel Therezinha. **Natural, racional, social**: razão médica e racionalidade científica moderna. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

Movimento, Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 217-239, janeiro/março de 2009.

_____. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva:** estudo sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

MARTINS, José de Souza. **Sobre o modo capitalista de pensar.** 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio:** teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 308 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física, UNICAMP. Campinas, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1993.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Cultura solidária, feições lúdicas. *In:* OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org). **O lúdico na cultura solidária.** São Paulo: Hucitec, 2001. p. 15-29.

_____. (Org). **Metodologia das ciências humanas.** São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998. 219 p.

_____. **Vidas compartilhadas:** cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.

PAES, Silva Regina. **Encontros e desencontros:** o turismo e os dois lados da viagem. 2003. 165 fls. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Araraquara, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? *In:* SOARES, Carmen Lucia. (Org). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-23.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Caderno CEDES,** Campinas, v. 19, n. 48, p. 7-29, 1999.

_____. **Corpo, ciência e mercado:** reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas, Florianópolis: Autores Associados, Editora da UFSC, 2001.

SILVA, Luiz Geraldo Santos da. Da terra ao mar: por uma etnografia histórica do mundo caiçara. *In:* DIEGUES, Antonio Carlos (Org). **Enciclopédia caiçara:** o olhar do pesquisador. São Paulo: Hucitec/NUPAUB/CEC/USP, 2004. v. 1, p. 49-89.

SOARES, Carmen Lucia. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. *In:* _____ (Org.). **Corpo e história.** Campinas: Autores Associados, 2001. p. 109-129.

TEIXEIRA, Ricardo. A grande saúde: uma introdução à medicina do corpo sem órgãos. **Revista Interface,** Botucatu, v. 8, n. 14, p. 35-72, 2004.

Recebido em: 13/06/2007
Aprovado em: 01/07/2008